Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XXVI Volume | 10 de Março de 1903 | N.º 871

S. M. A RAINHA D. AMELIA

S. A. O PRINCIPE LUIZ FILIPPE

S. A. O INFANTE D. MANOEL

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos a politica d'esta vez com penacho em materia de assumpto.

Trez ministros novos encarregaram-se das pastas dos estrangeiros, marinha e da das obras publicas, os srs. Wenceslau de Lima, general Gorjão e Conde de Paçô Vieira.

Assim se confirmaram boatos, que havia muito corriam, causando apenas espanto a entrada do sr. general Gorjão que até hoje não militára em nenhum partido politico. Explica-se no emtanto a sua subida ao poder pela sua muita pratica dos negocios do Ultramar, em que revelou suas muito altas qualidades intellectuaes, que juntas á sua demonstrada honradez deram prestigio ao seu nome.

Foram egualmente bem recebidos os nomes dos novos ministros das obras publicas e estrangeiros, que nobres qualidades distinguem, sendo para notar-se a forma por que a imprensa progressista do norte acolheu o sr. Wenceslau de Lima.

Da pasta da marinha passou para a da fazenda o sr. conselheiro Teixeira de Sousa, cujo programma de vigorosa administração tem sido muito commentado. Cortará corajosamente, disse, por todas as despezas que julgar superfluas e reduzirá quanto possivel os gastos, tendo feito suas considerações sobre quão pouco é desafogada a situação do thesouro.

As sessões da camara, como era natural em tempos anormaes, teem despertado a curiosidade e as surprezas foram além de todas as previsões.

Logo no dia em que o governo devia apresentar-se na camara dos deputados, parte da maioria faltou á sessão, os progressistas imitaram-a e apenas estiveram na sala dois ou tres vigiando o que se passava. A sessão, depois de certo tumulto, foi finalmente adiada.

Mas ainda não foi este o caso de maior sensação. Dias depois, o sr. conselheiro Arroyo estreia-se na camara dos pares atacando com o maior vigor o sr. Hintze Ribeiro, que, ainda que mal preparado para o ataque, lhe respondeu revelando mais uma vez o seu talento de parlamentar.

A aggressão inesperada do antigo ministro dos extrangeiros, *ex-leader* da maioria na camara dos deputados, nomeado par do reino durante a presidencia do sr. Hintze Ribeiro no ministerio, tem sido, como é natural, commentadissima e dado um bocado que philosophar ate aos mais estranhos á politica sempre tão cheia de surprezas.

Combateram dois velhos amigos. Em cumpensação dois velhos inimigos, sr. Hintze e José Luciano, trocaram entre si, as mais ternas declarações de amisade pessoal.

O peior foi o exemplo. Não ha como começar no comer, no coçar e no descompôr. Depois da sessão da camara dos pares, surgiu na dos deputados uma questão entre dois politicos de partido differente, que obrigou o sr. presidente a encerrar a sessão e a mandar evacuar as galerias.

Deixemos portanto o assumpto e fale-se da paz e concordia.

Celebrou-se ha dias em Lisboa o centenario da fundação do collegio militar, festa commovente a que concorreram muitos dos velhos alumnos d'aquelle estabelecimento, alguns d'elles actualmente nas mais altas posições do nosso exercito.

Na sessão presidida pelo sr. ministro da guerra em que se tratou da constituição da associação philantropica de soccorros aos alumnos pobres, falaram os srs. Pimentel Pinto e Dantas Baracho, tecendo o elogio do fundador do collegio, marechal Teixeira Rebello, cujo busto foi descerrado por El-rei, no dia seguinte, antes da distribuição de premios aos alumnos.

Falaram por essa occasião o sr. general Moraes Sarmento e major Leitão.

No refeitorio realisou-se o banquete dos antigos alumnos, festa commovente em que se trocaram enthusiasticos brindes, sendo o primeiro levantado a El rei pelo sr. ministro da guerra.

Os exercicios pelos collegiaes e a recita que se realisou á noite no theatro do collegio, com a assistencia da familia dos alumnos, obtiveram o mais caloroso applauso. Representaram-se as comedias *Roca de Hercules* e *Portador d'esta* e o alumno Carlos Soares Blanco recitou uns versos de Julio Dantas, *A carga de cavallaria*.

Cremos que por aqui não ficaremos com respeito a festas.

As obras que com muita deligencia continuam no paço de Belem e as que vão fazer-se, segundo se diz, no paço das Necessidades, confirmam a noticia da proxima vinda a Lisboa de El-rei de Inglaterra, Eduardo VII, á qual se seguirá, passados poucos dias, a de El-rei de Hespanha, Affonso XIII.

Tem sido discutida a noticia de uma grande parada militar, que por essa occasião deveria realisar se. O que é certo, porém, é que na fabrica d'armas se trabalha com toda a actividade apromptando muitos equipamentos de novo modelo para a infantaria e arreios para a cavallaria.

Foram mandadas recolher aos corpos da guarnição de Lisboa as praças no goso de licença registada.

Se a parada se realisar, será o effectivo total de sete mil homens, que desfilarão pelas Avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Mello.

Tomarão parte na parada os regimentos de engenharia e da guarda municipal e uma força de quinhentos marinheiros.

Haverá regatas no Tejo, touradas e um baile no paço d'Ajuda.

Emquanto assim se prepara Portugal para receber os viajantes reaes, continua a Rainha sr.ª D. Amelia, a sua viagem pelos portos do Mediterraneo recebendo em todas elles provas da maior sympthia.

Cadiz recebeu-a com uma manifestação enthusiastica, e a Rainha de Portugal encarregou o alcaide de testemunhar aos habitantes da formosa cidade a sua gratidão pelo acolhimento que lhe haviam feito.

Egual o teve nos outros pontos já percorridos Gibraltar, Arjeciras, Oran e Argelia, onde o governador lhe apresentou os seus cumprimentos em nome do governo e do presidente da republica franceza.

E, outra vez voltando a coisas tristes e deixando a paz e a concordia, ahi tiveram os jornaes com que se entreter, discutindo o caso d'um homem, que afinal, segundo averiguações a que se procedeu, depois de confusões varias, parece ter sido lavrador lá para as bandas de Mafra, o qual, uma d'estas manhãs appareceu enforcado n'uma arvore proxima da fabrica do guano.

Crime ou suicidio?

E começaram as hypotheses a ser discutidas e, depois do accôrdo ha tempos realisado de que de suicidios se não fallava, todos os jornaes á porfia, discutem as probabilidades pró e contra a ideia d'uma morte voluntaria.

Depois, quando elles vierem de enfiada, torna o espanto a ser geral. Fulano deu um tiro na cabeça—e a vida toda e os porquês—fulano bebeu petroleo—e toda a vida e as cousas proximas—um velho deitou-se debaixo d'uma locomotiva—e d'ahi toda a historia—um rapaz deitou-se d'um quinto andar abaixo e lá vae a historia toda.

Porque será isto? perguntam.

Pois assumptos não teem faltado ultimamente, e até alguns alegres.

Falemos pois de alegrias. Continua em S. Carlos a obter exito enorme o tenor Caruso um dos mais celebres cantores modernos, que veiu lembrar antigos tempos a velhos frequentadores. A *avis rara* pousou em S. Carlos por umas noites, e tem sido um delirio.

No theatro D. Amelia tivemos o gosto de applaudir, em beneficio de Christiano de Souza, uma das melhores obras d'esse encantador Arthur d'Azevedo, um dos mais distinctos collegas nossos do Brazil, e a que devem os escriptores portuguezes tantas e tantas amabilidades.

Ainda bem que se lhe fez justiça. Alegrou-se o nosso espirito e tambem o nosso coração. O publico applaudiu o; a critica jornalistica comprehendeu a delicadeza d'aquella peça que decorre sempre graciosa e serena, em versos primorosos.

Mandamos a Arthur de Azevedo um apertado abraço; elle bem sabe com que prazer intimo o fazemos.

No theatro do Gymnasio foi applaudidissma a peça do nosso collega Eduardo Coelho, *Ministro de Agua-furtada*, recheada de boa graça despretenciosa!

E fallemos d'arte ainda. Uma noticia apenas que se refere a um distincto artista portuguez.

O esculptor Costa Motta expoz no seu atelier da cêrca de Jesus a figura allegorica que hade decorar o pedestal da estatua de Souza Martins. Como era de esperar d'um homem que entre os nossos artistas alcançou um dos primeiros logares, a sua nova obra alcançou justissimo exito.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

VIAGEM DE S. M. A RAINHA

Já nos referimos na chronica do nosso anterior numero aos motivos que originaram a viagem de S. Magestade a Rainha pelo Mediterraneo.

Démos tambem já o itenerario do *Yacht D. Amelia* que leva a seu bordo a esposa d'El Rei e seus filhos, bem como innumeramos as pessoas da comitiva entre as quaes se contam o medico da real camara, sr. D. Antonio de Lencastre, de quem damos hoje o retrato, prestando o *Occidente* egual homenagem ao sr. Fernando de Serpa, commandante do *Yacht* real.

O regresso de S. Magestade realisar se-ha nos começos de junho.

Na despedida o *Yacht D. Amelia* foi seguido até Belem por muitas embarcações entre as quaes se notavam os vapores *Lisbonense*, *Victoria*, *Voador*, *Josephine*, *Utile*, *Luzitano*, *Trafaria* e *Operario*. O *Lisbonense* e o *Victoria*, vapores da Parceria, iam cheios de povo, conduzindo o primeiro uma banda de musica, que ao largar do *Yacth* executou o hymno de S. Magestade.

O *Josephine* levava a seu bordo muitas pessoas das familias Pinto Bastos, Coruche, Strauss e diversos membros do *sportmen*.

No *Utile* ia a imprensa, o sr. conselheiro Espregueira, dr. Clemente Pinto, Petra Vianna, Antonio Martins, Rozendo Carvalheira, Moreira d'Almeida, Adrião de Seixas, dr. Horta e Costa, Antonio Novaes, etc.

Em todos os navios de guerra surtos no Tejo, á passagem do *Yacht*, a marinhagem subiu ás vergas dando estrepitosos *hurrahs*; nos mastros de todas as embarcações içavam signaes de respeitoso cumprimento a S. Magestade, e de bordo do *Utile*, *Josephine* e *Lisbonense* soltavam se vivas enthusiasticos, a que a Rainha correspondia acenando freneticamente com o lenço.

*
* *

A recepção feita a S. Magestade em todos os portos onde o *Yacht* tem tocado tem sido effectuosissima.

Em Cadiz, onde os augustos viajantes eram aguardados pela senhora condessa de Paris e sua filha, governadores civil e militar, o alcaide, o consul de Portugal e o commandante da guarda civil, numeroso povo tributou a S. Magestade, na occasião do desembarque, uma effectuosa saudação.

A entrada da cidade pela Puerta de Tierra, estava cheia de gente, bem como nos molhes, sobre a muralha e na Plasa de San Juan de Dios, cujas janellas se viam todas occupadas.

Na sua visita á catedral, S. Magestade foi recebida pelo cabido, presidido pelo bispo.

Do convento dos Capuchinhos onde admirou demoradamente os quadros de Murillo, dirigiu-se S. Magestade ao parque Genovez, á Alameda e ao jardim Botanico, onde se encontra o magnifico *Drago*, que tem quatrocentos annos de existencia, e é uma planta de extraordinaria raridade e belleza.

No «Casino Gaditano» encontravam-se, á hora em que se realisou a visita real, os socios e as familias mais distinctas de Cadiz, e acceitando ali S. Magestade o chá, que lhe foi offerecido e ao seu séquito pelo Casino, foi á saida muito victoriada significando S. Magestade a sua gratidão á cidade de Cadiz pela affectuosa recepção que lhe foi feita.

A estudantina Valenciana composta de quinhentos estudantes, que chegava a Cadiz no momento em que o *Yacht* levantava ferro, com o fim de saudar a Rainha de Portugal, embarcou immediatamente e seguindo o *Yacht* fez uma ovação calorosa a S. Magestade e aos principes, que assomaram á amurada, agradecendo a vibrante manifestação, tambem correspondida de bordo.

Em Gibraltar a recepção a S. Magestade foi das mais sympathicas, sendo alvo de manifestações e acclamações do povo, o mesmo acolhimento lhe fizeram em Oran onde o coronel arabe Bendaoud offereceu um almoço aos viajantes, que teve o cunho d'uma brilhante festa; e em Argel, d'onde o governador geral Mr. Revoil e todas as

auctoridades civis e militares foram a bordo cumprimentar S. Magestade e apresentar-lhe as suas homenagens.

YACHT D. AMELIA

O *Yacht* de que damos a gravura é um navio de aço, com duplo fundo, medindo 70m,1 de comprido entre perpendiculares, 8m,90 de bocca e 5m,55 de pontal. Na linha d'agua carregada demanda a ré 4m,27 ou sejam proximamente 14 pés inglezes. Deslocamento 1240 toneladas. E' movido por duas machinas de triplice expansão de trez cylindros, da força de 1.800 cavallos, que dão movimento a dois helices de quatro pás, de bronze manganesico d'um passo, diametro e superficie calculados para a velocidade de 15 milhas nauticas por hora. As machinas são equilibradas pelo systhema Garrou, Schlick, Tweedy para diminuir as vibrações. O vapor é fornecido por duas caldeiras tubulares com tres fornalhas que trabalham á pressão de 180 libras por pollegada quadrada. Uma caldeira auxiliar serve para mover todas as machinas accessorias, taes como dynamos, leme, cabrestante, etc., quando não se queira fazer uso das caldeiras principaes. Para as machinas auxiliares existe um condensador especial. A illuminação é feita por 180 lampadas electricas de 16 e 8 velas, além dos pharóes de navegação, que são 32. Fornecem a corrente dois dynamos independentes de 150 amperes cada um enrolados em derivação de modo a poder variar o potencial de 65 a 90 volts. Duas baterias de 36 accumuladores servem para illuminar o navio quando as machinas não funccionam. Além da luz a installação electrica fornece a energia para mover os ventiladores electricos, motores dos prumos, piano, phonographo, carregar os accumuladores da lancha electrica, etc. No «promenade deck» avante estão collocados dois projectores.

Os principaes camarotes tem tinas de banho independentes, ventilação artificial, circulação de agua fria e quente, doce e salgada, caloriferos, etc.

Os despejos de todos os camarotes vão dar a um tanque especial exgotado pela machina. Além das acommodações para a guarnição, officiaes e criados existem oito grandes camarotes destinados a Suas Magestades e comitiva. Os paioes comportam 240 tonelladas de carvão, o que corresponde a perto de nove dias de navegação a toda a força.

No pavimento superior «promenade deck» encontram-se a casa de pilotagem avante, o salão de fumar, entre as chaminés, e salão de senhoras á ré.

Nos turcos tem seis embarcações, sendo uma movida a vapor e outra por electricidade, um salva-vidas, um escaler, uma canoa e um bote. Os escaleres descançam sobre o talabarlão que para isso é devidamente reforçado. O armamento compõe-se de 4 peças Hotckiss de 37 milimetros, e de carabinas inglezas Lee. As camaras são lindamente mobiladas pela casa Maple, de Londres. Este *yacht* tinha o nome de «Banshee», e foi construido em 1900 pela casa Ramage & Ferguson, de Leith, para o coronel Mac Calmont.

CENTENARIO DO COLLEGIO MILITAR

Foi uma festa brilhante e digna do facto que commemorava, e a ella largamente se referiu toda a imprensa periodica descrevendo-a minuciosamente nos seus minimos detalhes.

Registando essa commemoração em que ficou evidenciado o elevado grau de prestigio de que entre todas as classes sociaes gosa essa prestante instituição, damos-lhe com o concurso do nosso louvor a prova de quanto admiramos os homens que estão á frente da direcção d'aquella casa, que hoje se pode considerar o modelo dos internatos do seu genero.

Nasceu humildemente o collegio da Feitoria, que mais tarde passou a denominar-se *Real Collegio Militar* e foi seu fundador o coronel de artilharia Antonio Teixeira Rebello, inaugurando em 2 de Março de 1803 uma aula destinada á instrucção dos filhos dos officiaes residentes em S. Julião da Barra, nas salas do forte da Feitoria, que lhe ficava proximo.

Mais tarde muitos individuos da classe civil obtiveram licença de Teixeira Rebello para mandarem seus filhos tambem áquella escola, e de tal maneira se desenvolveu esta, que transformada n'um pequeno internato, obtinha em 1805 a esforços de seu fundador, o subsidio diario de 240 réis por alumno, concedido pelo principe D. João, então regente do reino.

No periodo decorrido até á invasão franceza poude o director do collegio da Feitoria fazer face ás suas despezas e mesmo remunerar, ainda que humildemente os professores, graças á sua administração parcimoniosa e de inexcedivel zelo, porém, com as campanhas da guerra da peninsula, que diariamente faziam centenas de victimas no nosso exercito, tornou-se preciso soccorrer um grande numero de orfãos e começaram então as circumstancias difficeis para aquella instituição.

Não desanimou o seu illustre fundador, e de lucta em lucta para manter o caridoso refugio dos filhos dos seus camaradas, conseguiu afinal que a 24 de Abril de 1813 a modesta aula fosse transformada n'um estabelecimento official sob o nome de *Collegio Militar*, de que lhe foi dada a suprema direcção.

Reconhecida a insufficiencia do edificio da Feitoria para a accomodação da população collegial que vinha crescendo dia para dia, foi o *Collegio Militar* transferido para os *Quarteis velhos da Luz*, por decreto de 7 de janeiro de 1814, depois de feitas as obras de installação indispensaveis, dando se a esse estabelecimento uns estatutos provisorios para a sua regencia, em que pela primeira vez apparece a denominação de *Real Collegio Militar*.

Até 1835 o collegio conservou-se n'este edificio passando então para Rilhafolles, onde esteve até 1848, em que foi transferido para o convento de Mafra d'onde voltou para a Luz em 1859, sendo novamente transferido para Mafra em 1869 até que voltou definitivamente para a Luz em 1873, onde actualmente se conserva.

Em 1813 a população interna do *Collegio Militar* determinada pelo governo, que então tomara a seu cargo o custeamento das despezas de tão util instituição, era limitada ao numero de 45 alumnos, os quaes seriam instruidos, tratados e alimentados por conta do Estado; porém essa população subiu, de abril a agosto do mesmo anno, a 100, ficando divididos em duas classes: 50 *pensionistas*, mantidos á custa do thesouro; 50 *porcionistas*, mantidos pelos seus paes ou tutores.

Em 1835, ao installar-se o collegio em Rilhafolles o numero de *pensionistas* foi elevado a 134 e o de *porcionistas* a 150.

Em 1903 a população collegial é de 248 alumnos, dos quaes 148 são *pensionistas* do Estado e 100 *porcionistas* e d'estes 64 são filhos de officiaes do exercito, 6 de officiaes da armada e 30 da classe civil.

Ao marechal Teixeira Rebello teem succedido, como directores do *Real Collegio Militar* os srs. Candido José Xavier, Pedro José Santa Barbara, Agostinho José Freire, Evaristo José Ferreira, Augusto José Xavier Palmeirim, Francisco Pedro Celestino Soares, Antonio José da Cunha Salgado, Carlos Barcellos Machado, José Paulino de Sá Carneiro, Caetano Alberto de Sori, Joaquim Antonio Dias, Francisco Maria da Cunha, Emilio Henrique Xavier Nogueira e o actual director, sr. general Moraes Sarmento.

O GENERAL ANTONIO TEIXEIRA REBELLO

O illustre fundador do *Collegio Militar* nasceu em 1750, no logar da Cumieira, concelho e districto de Villa Real de Traz os Montes, assentou praça de voluntario em 1764, no regimento de artilharia, de Valença, matriculando-se em 1780 na Academia Real da Marinha.

Foi promovido a 2.º tenente em 1784 e collocado no regimento de artilharia da Côrte, seguindo alli todos os postos até que foi promovido a major em 1792.

Então deram-lhe o commando de artilharia que fez parte da divisão auxiliar á Hespanha, distinguindo-se na acção de 29 de Maio de 1794. Durante essa campanha, em que deu tão subidas provas de valor, estabeleceu o serviço dos hospitaes regulamentando-o, sendo quasi no fim d'ella auctorisado pelo governo de Hespanha a dirigir nos arsenaes de Barcelona a fundição de peças e a construcção de reparos e palamentas, que deviam substituir a parte da nossa artilharia inutilisada e perdida pelo exercito hespanhol.

Em 17 de dezembro de 1785, já no posto de tenente coronel graduado, foi lhe confiado o commando do parque de artilharia, que, no anno seguinte, acompanhou o exercito portuguez em observação nas provincias do Alemtejo.

Em 1793 recebeu a promoção de tenente coronel effectivo e coronel graduado, n'esse anno foi encarregado da reedificação da praça de Cascaes e de todos os fortes maritimos existentes desde Santo Antonio da Barra até ao cabo da Roca, apresentando em resultado de estudos feitos por essa occasião um plano de defeza contra qualquer ataque por meio de desembarque.

O marquez de Alorna, escrevendo em 1789 uma memoria sobre a reorganisação militar de Portugal, feita a pedido do principe Regente D. João, chegou a aconselhar n'ella que sobre assumptos da arma de artilharia se consultasse sempre a opinião de Teixera Rebello, como a mais competente.

Em 1801 o distincto militar foi encarregado de dirigir as seguintes commissões de serviço: estabelecimento de parques volantes e de reserva; construcção e reorganisação d'um deposito geral d'artilharia; creação, organisação e instrucção de companhias de artilharia montada, etc.

Foi promovido a coronel effectivo em 1802, a brigadeiro em 1807, nomeado n'esse anno inspector de artilharia, continuando a dirigir o collegio da Feitoria, sendo em 1813 nomeado director do *Real Collegio Militar*.

Em 1821 foi promovido a marechal de campo, e sendo chamado a exercer o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, esteve na gerencia d'essa pasta de 1 de fevereiro de 1821 a 8 de setembro do mesmo anno.

Saiu do ministerio voltou a exercer o cargo de director do *Real Collegio Militar*, onde se conservou até 5 de outubro de 1825, data do seu fallecimento.

O EDIFICIO DO COLLEGIO

O distincto official do exercito sr. Fernando Maya, um dos membros mais illustres do corpo docente do *Real Collegio Militar*, publicou, por occasião da Exposição Universal de Paris, em 1900, uma interessantissima monographia sob o titulo «*Royal Collège Militaire*» de que extractamos alguns dados curiosos sobre a historia do edificio do collegio.

Foi elle destinado na sua origem a servir de hospital a frades pobres, devendo a sua fundação e dotação, á infanta D. Maria, filha de D. Manuel, e de sua 3.ª esposa D. Leonor.

Terminada a edificação em 1618, confiou-se a administração da casa a dois cavalleiros da Ordem de Christo, que possuia nas visinhanças um convento cuja edificação começara em 1543 por concessão de D. João III, e cujo santuario, ornado de bellas columnas e marmores sumptuosos, tinha sido egualmente construido á custa da infanta D. Maria, que ali foi sepultada.

O tremor de terra de 1755 causou grandes damnos ao edificio do hospital, demolindo por completo o templo e o convento dos cavalleiros de Christo, deixando apenas intacto o santuario que ainda hoje existe. Depois de algumas reparações o edificio do hospital, que nunca mais recebeu doentes, foi destinado em 1814 á installação do *Real Collegio Militar*, então recentemente creado.

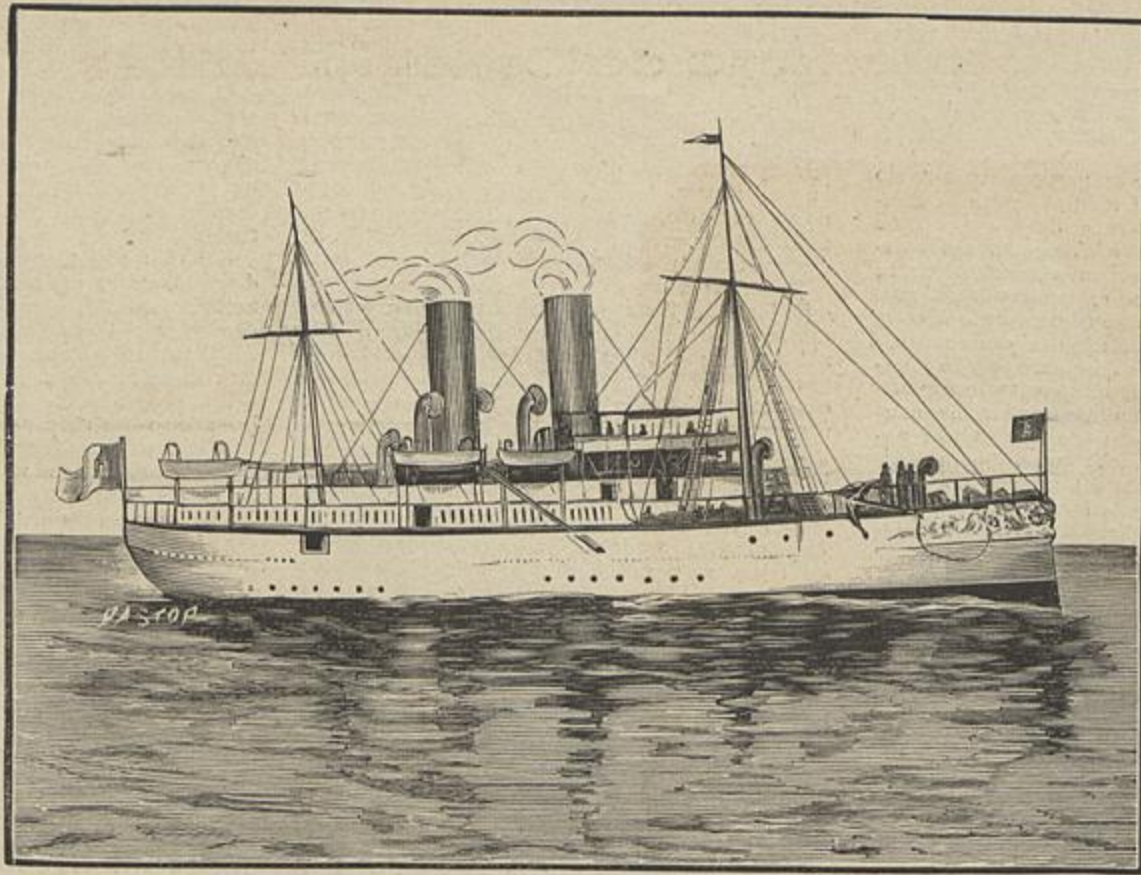
O convento dos cavalleiros da Ordem de Christo começou egualmente a ser reedificado, mas não chegou a concluir-se.

A parte existente utilisada primitivamente para installação d'uma escola d'arte veterinaria e depois para alojamento de forças de cavallaria, foi mais tarde cedido ao *Collegio Militar*, que ali estabeleceu o picadeiro coberto, o gymnasio, as cavallariças e outras dependencias e arrecadações.

Este ultimo edificio é vulgarmente mais conhecido hoje pela designação de *Quarteis Velhos*.

A fachada principal do collegio dá sobre uma larga praça, onde os alumnos vão fazer exercicios de tactica abstracta. No lado occidental d'esta praça é que ficam os *Quarteis Velhos*.

A fachada principal é de construcção simples e conserva-se tal qual era na sua primitiva, sendo encimada com as armas da infanta D. Maria e uma inscripção relativa á fundação e ao destino do edificio, que tem soffrido muitas modificações e augmentos, especialmente depois que em 1873, o *Collegio Militar* para ali foi definitivamente transferido.

Ao centro da fachada sul do claustro e olhando para a porta de entrada, encontra-se a escada de communicação com o andar superior. Esta escada compõe-se de dois lanços de pedra symetricamente dispostos que dão accesso a quatro galerias, que correspondem ás quatro faces dos claustros inferiores. Com estas galerias communicam as installações d'este andar, uma das quaes, ao centro do lado sul, a capella, pequena mas bem disposta, possue um retabulo de grande valor, assim como um crucifixo de grande merecimen-

YACTH REAL D. AMELIA

Esse palacio, que andava de arrendamento, foi comprado por quatorze contos, já na gerencia do sr. Moraes Sarmento.

Como o terreno annexo ao palacio é muito vasto, vae ser utilisado para installação de diversos jogos physicos taes como o *foot-ball*, *cricket*. etc.

A fachada septentrional dá para a estrada de Lisboa á Luz.

CONSELHEIRO MORAES SARMENTO

E' o actual director do Collegio Militar, um digno continuador do marechal Teixeira Rebello, e de quem o sr. conselheiro Pimentel Pinto fez o mais rasgado elogio, enunciando os serviços por elle prestados ao *Collegio Militar*, e salientando as reformas profundas, os grandes melhoramentos que n'aquelle estabelecimento teem sido introduzidos, e que só a elle se devem.

O illustre ministro da guerra ao affirmar que o alto grau de prosperidade em que aquella instituição se encontra, quer sob o ponto de vista instructivo, quer moral e disciplinador se deve ao sr. General Moraes Sarmento, coroborou a sua asserção com os varios relatorios apresentados pelo lente da Universidade sr. Santos Viegas, que ali tem ido presidir aos exames finaes, e que n'elles tem frisado bem o cuidado com que no *Collegio Militar* se ministra a instrucção, chegando até a denominal o estabelecimento modelo e unico no nosso paiz.

Quem conhece a carreira official do distincto director d'aquelle estabelecimento vê logo, que não ha nas referencias do sr. conselheiro Pimentel Pinto mais do que a expressão restricta d verdade, tão merecedor elle é de que o seu trabalho se reconheça como modelo de zelo e dedicação, tão digno de ser imitado.

D. FERNANDO DE SERPA PIMENTEL

D. ANTONIO DE LENCASTRE

to artistico. A capella recebe luz de grandes janellas rasgadas na parte superior, por baixo da cupula do zimborio, que no seu ponto mais alto mede 41 metros acima do solo.

Nas paredes lateraes, correspondentes ao altar, ha grandes portas que se abrem sobre dois dormitorios dispostos de forma que os alumnos podem de lá mesmo assistir ao sacrificio da missa, quando o tempo lhes não permitta irem á grande capella dos Freires de Christo, unica parte do templo ainda existente.

No andar inferior, no prolongamento dos claustros latteraes, ha dois largos corredores um dos quaes, o corredor oriental, conduz á sala d'armas e á bibliotheca, e outro, o do poente, ao refeitorio. A estes dois corredores vae dar, do lado sul, outro corredor que communica com a cozinha e outras dependencias.

. . . .

Do lado do nascente adquiriu-se uma vasta propriedade onde existe um antigo palacio que pertenceu aos condes de Mesquitella, e onde se installou a enfermaria do collegio.

PARADA DO COLLEGIO MILITAR

O BUSTO DE TEIXEIRA REBELLO

O busto do marechal Teixeira Rebello, de que damos a photographia, foi modelado pelo professor da Escola Industrial Marquez de Pombal, sr. Jorge Ians, e fundido em bronze na officina de

Centenario do Collegio Militar

ANTONIO TEIXEIRA REBELLO
FUNDADOR DO COLLEGIO MILITAR
Busto em bronze existente na Sala da Bibliotheca

GENERAL JOSÉ ESTEVAM DE MORAES SARMENTO
ACTUAL DIRECTOR DO COLLEGIO MILITAR

COLLEGIO MILITAR, VISTA EXTERIOR

canhões do Arsenal do Exercito sob a direcção do sr. coronel Mathias Nunes.

Da Escola Industrial Marquez de Pombal é seu habil director o nosso particular amigo o major sr. Carlos Adolpho Marques Leitão, uma das individualidades mais distinctas do magisterio superior, actualmente professor do *Collegio Militar* e professor dos principes, e encarregado de preferir a oração de *sapientia* na sessão solemne, que todos unanimemente qualificaram como um bello modelo de erudição pelos conhecimentos profundos que n'elle revelou o seu auctor.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

XII

Concluido do n.º 868

Linguagem indica

Até meiados do seculo XVIII não se suspeitou sequer, que podesse haver no globo região onde fosse geralmente falado o dialecto dos ciganos, que por ninguem era comprehendido na Europa.

Acreditava-se mais depressa que fosse uma linguagem inventada, uma *giria* convencional, para se entenderem particularmente entre si, e que não era usada por todas as hordes de ciganos espalhadas pelos differentes paizes do mundo.

Ao nascer a affeição dos eruditos pelos estudos filologicos, e ao dedicarem-se á comparação e analyse dos multiplices e diversos idiomas usados em todas as vastas regiões do globo, poderam concluir, afinal, não só que o dialecto dos ciganos era predominante em toda a sua raça, como tambem que esse dialecto era o mesmo que estava em uso no occidente da India.

Ora como o unico criterio racional que pode conduzir a averiguar a origem d'um povo, é o idioma d'esse povo procurado no paiz onde se falou primitivamente, ou se continou falando, cairam logo por terra as supposições absurdas, que até então se tinham architectado sobre a origem dos ciganos, e todos os homens conhecedores da unica razão que a poderia esclarecer, confirmaram n'uma só opinião que a origem dos ciganos devia ser procurada na India.

No emtanto os que acham mais facil divagar pelo campo phantastico das conjecturas, do que examinar o campo positivo da sciencia, prosseguem continuando a considerar os ciganos como descendentes de mouros, ethiopes e judeus.

D'esde as primeiras linhas d'esta noticia historica temos demonstrado a sua verdadeira procedencia industana, attendendo, não ás analogias dos nomes, mas ao grande criterio da linguagem.

Vamos agora fundamentar a nossa opinião:

Quasi em fins do anno de 1763 publicou a *Gazeta de Vienna* um relatorio interessantissimo, feito pelo capitão Szekely de Doba, no qual se affirmava que o predicador protestante Estevão Vali, estando cursando ainda a universidade de Leiden, relaccionou-se com uns estudantes de Malabar, pensionados ali pelo seu governo, e que ouvindo-os falar com frequencia o idioma do seu paiz, pareceu-lhe que esse idioma tinha similhança com o que muitas vezes ouvira a uma tribu de ciganos que habitava em Almasch, seu paiz natal no condado de Komora.

Juntava-se a isto que os mesmos estudantes lhe haviam dito existir muito perto do Malabar uma povoação chamada Zigania, nome muito similhante ao Zigeuner, (cigano em allemão).

Occorreu-lhe, pois, tomar nota de muitas palavras, mil approximadamente, com os seus significados correspondentes, do idioma indico que os estudantes lhe dictaram, e quando regressou a Almasch repetiu-as a varios ciganos, que as comprehenderam sem difficuldade, o que para elle foi causa de grande surpreza.

Pouco tempo depois d'isto se haver dado, começaram a publicar-se na Europa varias grammaticas da lingua indostana, entre ellas a mais notavel, escripta para uso dos inglezes em 1773 e para uso dos portuguezes em 1778, com a qual Grellman, Richardson, Marsden, Ludolf e outros, acabaram de demonstrar a perfeita affinidade entre o dialecto dos ciganos e alguns dos dezoito dialectos derivados das linguas mães da India, entre as quaes se contam o *Sanskrito e o Zend*, hoje em desuso e apenas encontrados nos livros religiosos, que só os bramanes e os eruditos sabem ler.

Com o *Sanskrito* relaciona-se o Bengali, idioma que se fala na parte do Oriente da região do Ganges e no alto Indostão, o grande idioma popular de quasi toda a India, e alguns dialectos da parte meridional, bem como a linguagem mongolo-industana, mistura dos idiomas persa, turco, arabe e indico, que começou a usar-se depois da conquista dos mongoles.

Do *Zend*, lingua em que foram escriptas as obras attribuidas a Zoroastro, deriva-se o persa moderno, idioma que os guerreiros conquistadores no Industão desde o tempo de Walid e Mahmoud até á apparição de Tamorlan e Nadir, ahi introduziram successivamente.

Os dialectos que se falam nas provincias occidentaes ou região do Sind desde Amretsir, Multan, Háiderabad, até á costa de Malabar, são os que teem mais affinidade com o persa moderno e egualmente com o dialecto cigano.

Essa affinidade é tanta, que apezar das modificações que o decurso dos seculos necessariamente lhe tem impresso, e do contacto com os differentes povos, em cuja intimidade teem vivido os que a trouxeram, reconhece-se distinctamente, porque conservou, apezar de tudo, as raizes da sua origem.

Resulta d'isto que por connexão mais ou menos affin com o Sanskrito ou por derivação mais ou menos directa do *Zend*, fonte do persa, o cigano tem uma linhagem das mais illustres, linhagem especialmente indica, seja qual fôr o ponto da India d'onde partiram os primeiros ciganos.

Porem, singular coincidencia, ao entrarem na Europa pelas duas regiões oppostas, Andaluzia e Bulgaria, em ambas teve que modificar a sua linguagem por outra linguagem immediatamente derivada da mesma origem commum.

Já dissemos que o raumano das provincias do Danubio, assim como o Castelhano são derivados da lingua latina. A circumstancia dos ciganos apparecerem na Europa por dois pontos differentes, ainda que em epocas diversas, póde coincidir com as modificações do seu idioma, sem que houvessem chegado até Hespanha os do Danubio, nem avançado até ao mar do Norte os de Darro e Guadalquivir.

Se não bastasse para coroborar a nossa opinião o haverem demonstrado os filologos do seculo XVIII que o dialecto cigano é de procedencia indostana, não nos faltaria o testemunho de outros filologos nossos contemporaneos para provar á evidencia a identidade, similhança e analogia da linguagem dos ciganos em todos os paizes.

O eminente e erudito inglez Jorge Borrow, chegou a publicar noticias especiaes, sobre este curioso assumpto, depois das quaes não é já permittido duvidar.

Pouco tempo antes o celebre Mezzofanti, professor de Bolonha, que falava trinta e duas linguas, fez largos encomios scientificos ao dialecto cigano, preferindo o a outros idiomas, com tal convicção, que ao enlouquecer em 1832, era o unico dialecto que não confundia, tendo por costume na sua allucinação falar todos os outros idiomas ao mesmo tempo.

Mas Jorge Borrow não se limitou a elogiar o dialecto cigano, como fizera Mezzofanti, em 1837 traduziu ao *caló* de Hespanha o evangelho de S. Lucas com rara e grammatical precisão, afim de ser comprehendido melhor pelos ciganos menos civilisados, preferindo conservar na sua versão algumas palavras castelhanas do padre Scio, em vez de as paraphrasear ou formar outras com o *caló*, valendo este serviço muito mais que a litteratura e a poesia, que os inclinados ao ciganismo cultivaram em Andaluzia em principios do presente seculo.

Com effeito no idioma cigano teêm-se introduzido barbarismos que revelam não só a ignorancia dos seus fundamentos e origens, como os das linguas arabe e grega, e até da latina.

Os ciganos hespanhoes têem a sua poesia particular, improvisada, que é geralmente composta em quadras de oito syllabas.

São essas que teem ficado impressas na memoria dos ouvintes, e corrido de bocca em bocca por todas as provincias de Hespanha.

Não alcançou o mesmo exito a poesia que lhes querem attribuir á qual chamaremos=*espuria*= como lhe chamou Jorge Borrow, pois ainda que tenha tido a honra de circular impressa, a maioria dos ciganos não a comprehende, ou se a comprehende é com muita difficuldade, suppondo mesmo que os dedicados ao ciganismo, muitos d'esses andaluzes que se entregam a aprender o *caló* por lhes repugnar os estudos linguisticos e a correcção grammatical, não a comprehendem melhor.

O *caló* não é uma linguagem de rofiões, como se tem induzido a fazer acreditar; não é ao que antigamente se dava o nome de *germania* e cujos vocabulos se encontram no *Diccionario da Academia* hespanhola; não é tão pouco a linguagem particular dos carceres e presidios, usada pelos vagabundos e criminosos, como muitos acreditam; mas sim um dialecto derivado de outros, que ainda hoje se falam no indostão, donde procedem os ciganos, como nos parece ter ficado demonstrado por esta noticia historica.

Ouçamos ainda a este respeito uma opinião auctorisada.

E' o sr. P. Merimée que a manifesta.

«A maior parte dos orientalistas que estudaram a lingua dos ciganos, julgam-nos originarios da India.

«Com effeito, parece que um grande numero de raizes e muitas formas grammaticaes do roumani se acham nos idiomas derivados do sanskrito.

«Concebe-se que nas suas grandes peregrinações, os ciganos adoptaram muitas palavras estrangeiras.

«Por toda a parte falam a lingua do paiz que habitam, mais facilmente que o seu proprio idioma, de que só fazem uso para poderem divertir-se livremente diante dos estranhos.

«Se compararmos o dialecto dos ciganos da Allemanha com o dos hespanhoes sem communicação com os primeiros desde seculos, reconhece-se uma grandissima quantidade de termos communs; mas a lingua original, em toda a parte, ainda que em graus differentes, alterou-se notavelmente pelo contacto com as linguas cultas, de que esses nomadas são obrigados a fazer uso.

«O allemão d'um lado, o hespanhol do outro, teem de tal forma modificado o roumani, que seria impossivel a um cigano da Floresta-Negra, conversar com um dos seus irmãos andaluzes, *bem que lhes baste trocar algumas phrases para se reconhecer que falam ambos um dialecto derivado do mesmo idioma.*

«Algumas palavras d'um uso muito frequente são communs, creio a todos os dialectos; assim em todos os vocabularios que pude ver, *pani* quer dizer agua; *lon* sal, etc.

«Os nomes numeraes são em toda a parte pouco mais ou menos os mesmos.

«O dialecto allemão parece-me muito mais puro que o dialecto hespanhol, pois que conservou grande numero de formas grammaticaes primitivas, ao passo que no dialecto castelhano os ciganos adoptaram as formas grammaticaes hespanholas.

«Todavia algumas palavras fazem excepção para attestar a antiga comunidade de linguagem.

«Os preteritos do dialecto allemão formam-se accrescentando *ium* ao imperativo, que é sempre a raiz do verbo.

«Os verbos no romani hespanhol, conjugam-se todos pelo modelo dos verbos castelhanos da primeira conjugação.

«Do infinito *jamar*, comer, dever se hia regularmente fazer *jamé*, comi; de *lillar*, tomar, dever-se-hia fazer *lillé*, tomei.

«Entretanto, alguns velhos ciganos dizem por excepção: *jayon lillon* Não conheço outros verbos que tenham conservado esta forma antiga.

. . . .

«*Tchouri* é uma d'essas palavras communs a todos os dialectos.

«Mr. Vidocq diz um cavallo *gris*; é ainda uma palavra bohemia; *gras*, *gre*, *graste*, *gris*.

«Acrescentae ainda a palavra *romamichel*, que no calão parisiense designa os ciganos. E' a corrupção de *romané tchave*, rapazes bohemios.

«Mas uma etymologia de que me orgulho é a de *frimousse*, physionomia, rosto, palavra que todos os estudantes empregam ou empregavam no meu tempo.

«Deve observar-se em primeiro logar que Ondin, no seu diccionario, escrevia em 1640 *firlimousse*. Ora *firlafila* em roumani quer dizer rosto; *mui* tem a mesma significação, é exactamente o *os* dos latinos.

«A combinação *firlamui* foi perfeitamente comprehendida por um bohemio professor de direito e creio-a conforme ao genio da sua lingua.

. . . .

Nos tempos em que vivemos considera-se já como uma aberração dos passados seculos o odio de raça.

A casta cigana resistiu á perseguição, e, será uma obra digna de louvor promover e ajudar a sua assimilação com as outras castas.

A linguagem é o grande meio de conseguir essa assimilação, e, para ligar o cigano á grande massa da familia hespanhola, é opinião do sr. Quindallé que se deverá falar-lhe o seu proprio idioma.

Dezembro 1902. *Julio Rocha.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º antecedente)

Amontoáva folhas sobre folhas, e comtudo, não escrevera metade sequer do que quizéra escrever.

Transmittiu ao papel tudo que lhe pungia o coração, e muitas coisas mais que não vinham a proposito do assumpto. Defendia o systema do concelho do Condado e dava lições aos jurisperitos.

Prégava a semelhante respeito um verdadeiro sermão, de como se poderia reorganizar o país e implantar de novo o antigo systema. Citava as primitivas leis-agrarias, os desacátos dos seus colonos adstrictos, e imprecava contra este mundo e o outro a proposito da devastação do seu solar.

Em seguida, especificava quaes os direitos da nobreza que jamáis podiam ser anulados. A confiscação do seu sebre dêu materia a cinco laudas atochádas, em que mencionava na integra as batalhas, alem das guerras com a Turquia e com a França, em que seus avoengos haviam brandido o mencionado sabre. Repetia, vezes sem conto, em como servira o concelho do Condado vinte annos successivos, e que, emquanto elle fora vice-presidente, corriam muito melhor do que presentemente as coisas.

Citava o *Corpus-juris*, Verbóczy, a *Aprobata* e a *Compilata Constitutio*, e a principiar em *Anonymus*, a lista completa dos historiadores

Lia e relia, corrigindo folha por folha, eliminando as expressões mais violentas ou aggressivas, attentando, cauteloso, em não deixar escapar termo que pudesse ministrar ao fisco ensejo para lhe mover um processo de alta traição. E com que paixão se não aferrava elle ao passado, pois que não podia compreender o presente, que lhe desvairava o espirito atribulando-lhe a alma. Vivia em um mundo de sonhos, em que apenas havia de verdadeiro o elle soffrer, encolerisar-se e invelhecer.

No decurso d'este periodo de tempo descurára Radnothy mais do usual a sua pessoa. O casaco, já çafado, pendia-lhe do corpo como se lho houvessem atirado para cima com um forcado. As barbas e os cabellos, muito crescidos e intonsos, imprimiam-lhe á fisionomia caracter selvatico a ponto de meter mêdo. Desde que fôra mettido em processo, nunca mais se importára quer com a administração das propriedades quer com o governo domestico. Já nem dava ordens, pela manhã, ao mordômo, ao jantar não ralhava já com a cozinheira, e ao seu huzar, ao Estevam, quer de manhã, ao erguer-se do leito, quer de noite, ao deitar-se, disparava-lhe sempre uma ou duas invectivas. Vivia literalmente infronhado no seu processo. Em uma soberba tarde de verão, parou-lhe á porta um côche de viagem, sem que elle desse por semelhante coisa, e entraram-lhe pelo quarto dentro a viuva do coronel e a sua propria filha, vindas de Vienna.

— Que homem este! E é assim que se recebem visitas! — exclamou em timbre esganiçado a coronéla, dama mais que madura e algo escanzelada, a cujo rosto um tanto pintado embellezavam uns fartos e compridos caracóes postiços; disse, assestou a luneta e poz-se a considerar o cunhado com ar de pasmo, como quem observa a qualquer animal curioso.

Volveu Radnothy mirando, não a cunhada, mas sim a filha, contemplou-a, insistente, e sem a reconhecer. Tão crescida a achava, e tão mudada.

E para ali se pespegava a Elsbeth, tal qual um páu de cabelleira na vidraça de um cabelleireiro, muito garrida e arrebicada no seu trajo de viagem.

Não incontrava nella um vislumbre, sequer, daquella creança tão meiga e innocente, da sua filha estremecida, que assim que o via, pulava a abraçá-lo, intontecendo lhe a cabeça com a chilreada. E impressionou-o a circumstancia de a não achar já parecida com a mãe; as feições, eram as mesmas, mas com outra expressão. A joven, a seu turno, tambem lhe custava reconhecer o pae; aquelle casaco muito coçado, gasto até ao fio, aquelle semblante macerado, aquelles cabellos e aquellas barbas, grisalhos a impressionavam de modo a tal ponto desagradavel, que se incontrava indecisa e sem saber que havia de fazer. O olhar fito, insistente, prescrutador e rispido do pae punha-a na maxima confusão, e em vez de se dirigir a este, falava com a tia, e entrementes, já em alemão, já em francês, perguntava áquella: que teria acontecido ao papá?

Aquella exotica algaravia, incomprehensivel para os ouvidos do pae, ainda mais concorria para que este estranhasse a filha. A sua extrema afflição manifestou-se mediante uma lagrima, e sobresaltado e em movimento voluntario, tomou nos braços a filha, e entrou a ameigá-la.

— Elsbeth, já não conheces o pobre do teu pae, nem achas uma palavra que lhe digas.

E' por tua causa que estou tão velho; olha para toda esta papelada, é para ti que trabalho, dia e noite!

Elsbeth, vê se tiras essa immensa chapelêta, que te tapa a cara, e te dá uns ares de comediante.

Então! Dir-se-ia que nem já me conhéces.

— E como quer que o conheçam, Aleixo, meu estimavel cunhado! atalhou a coronéla. Parece um condemnado, fugido da enxovia; bem pode mandar cortar essas barbas, ou quando menos, rapar o queixo, que assim usam hoje as pessoas de condição.

— Das minhas barbas para os estapafurdios caracóes da senhora minha cunhada a differença em comprimento não seria coisa de maior, por que os não corta tambem! — redarguiu Radnothy, contentissimo, no intimo, por ter occasião de desabafar a cólera.

— Nunca em dias de minha vida a'guem me dirigiu grossaria de tamanho calibre! Selvagem, barbaro, homem sem maneiras! E venho eu de tão longe, sujeito-me aos incommodos da viagem desde Vienna até aqui, e recebe-me desta maneira! — guinchava alternadamente a viuva, chorando de raiva, e cahiu meio-desanimada sobre uma poltrôna; e para melhor se expressar, foi vertendo alternadamente as palavras em alemão e francês, idiomas de que Radnothy não percebia uma palavra; mas nem tanto era preciso para acabar de azoinar a cabeça ao pobre do homem.

— Não diga semelhantes coisas, papá, nao vê que está affligindo a tia, coitadinha! — interpoz Elsbeth, volvendo ao pae olhar reprovativo e soltando-se-lhe dos braços, no intuito de accudir á coronela.

— Com que, então, já os filhos admoestam os paes! E foi isso que aprendeste lá em Vienna, e foi isso que te ensinou a santinha da tua tia, e para isso me fartei eu de te mandar dinheiro, e para isso voltaste para casa! — Tu — minha... vociferava Radnothy, erguendo-se de golpe da cadeira, e muito mais houvéra dito, se incautamente não tivesse pisado o tótó-preto da cunhada, que desatou em tão medonho berreiro, que o obrigou a tomar por alvo da sua intensa irritação aquelle novo inimigo.

— Malvado! Assassino! dá-me cabo do meu rico Figaro, coitadinho! gritava a coronela.

— Pelo amor de Deus, papá! não bata no meu Figaro, carpia a Elsbeth.

— Que fazes, desalmado! insistiu, pathetica, a coronela.

— Dão commigo em doido! — bradava Radnothy em voz afogada.

A peste do cachôrro berrava cada vez mais de rijo, arreganhando o dente para as canélas de Radnothy, e este, de mais em mais infurecido; a coronela lamuriava em tres idiomas, em alemão para o totó, em francês para a Elsbeth e em hungaro para o cunhado.

A Elsbeth, entrementes, choramingava. O Estevam e a criadagem da coronéla investiam assustados pela porta dentro, e atraz d'elles o Máros, que tomou partido pelo dono, e que por pouco não faz em farrapos o minusculo Figaro. Armou-se alarido infernal em que ninguem se intendia, e em que cada qual ficou mais ou menos escarmentado.

Semelhante scena era apenas o preludio das que se lhe seguiram. Os tranquilos aposentos da mansão volveram-se em theatro de tumulto inaudito

Radnothy sentia-se ainda mais estranho do que até então, em sua propria casa. Quanta e quanta vez lhe não accudia á mente a falecida consorte, ao ver sentar-se á mêsa a coronela; e quantas se não irritou tambem, ao deparar-se-lhe a Elsbeth, arrebicada como qualquer comediante; e vituperava as extravagancias d'este mundo, convicto de que a cunhada intentava transformar-lhe o seu nobre solar em hospedaria viennense.

E agora, não era só com o jardineiro, com o tabellião, ou com os rabulas da lei que tinha que pleitear, mas com duas damas e um cão fraldiqueiro.

(Continua) *M. Macedo.*

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro, 1903

Maxima altura barometica em 26 — 779^{mm},9.
Minima » » em 6 — 765^{mm},6.

Em quasi todo o mez, a altura barometrica foi superior a 770º. Excedeu a 775,º nos dias 9, 10 e 19 a 22. Em 20, o barometro accusou 778^{mm},8 — em 22 777^{mm},0.

Maxima temperatura em 20 — 19º,2
Minima » em 4 — 5º,1

A partir de 8 e até 22, a maxima excedeu sempre 15º, — As temperaturas mais elevadas foram: em 17 (18º,5) em 20 em 21 e 22 (18º,9).

Baixa sensivel do thermometro em 23 e 24 com maximas fracas, e temperatura normal de 25 a 28.

Ventos dominantes:
N em 1 e 22.
NE de 3 a 22.
SW de 23 a 27.
NW em 28.

Chuvas: em todo o mez, o pluviometro accusou 46^{mm},2 — Os dias em que choveu foram: em 1, 2, 5, 6, (16^{m},0), 7, 22, 23, 25, 27 e 28.

Estado do céu: Bom tempo 18 dias; nublado, 10 dias.

NECROLOGIA

DR. JOSÉ RAMOS NOGUEIRA

O distincto magistrado fallecido em Lisboa no dia 19 do mez findo, era natural de Goes, onde nascera em 1837, contando 66 annos de idade e occupando á data do seu passamento o logar de juiz da Relação de Lisboa.

Formara-se em 1858, sendo n'esse mesmo anno nomeado delegado em Valença, servindo successivamente nas comarcas de Tondella, Taboa, Fundão, Fayal, e na 4.ª vara civel de Lisboa, sendo promovido a juiz de 2.ª instancia e nomeado para a Relação dos Açôres em 1898.

Um anno depois, em 1899, era elevado á presidencia d'aquelle tribunal superior, cargo que pouco tempo exerceu por haver sido nomeado para a Relação do Porto, transferencia concedida a seu pedido, entrando para a Relação de Lisboa em março de 1900.

Exercera tambem o cargo de governador civil de Villa Real, onde deu sóbejas provas de possuir um caracter recto e um espirito conciliador.

Como magistrado, durante a sua carreira, conquistou innumeras sympathias, sendo não só respeitado e considerado por todas as classes como estimado entre os seus collegas nos quaes contava muitos amigos.

Era um espirito lucido e um coração bem formado, deixando em todos uma profunda saudade o seu inesperado passamento.

—

JOAQUIM PEDRO GODINHO PAIVA

Era muito conhecido em Lisboa e verdadeiramente estimado pelo seu caracter e qualidades o sr. Godinho Paiva, fallecido no dia 15 de Fevereiro, e ha 24 annos estabelecido na R. do Ouro.

Lisboa inteira tinha sympathia por este bello homem, que além de um bom profissional era um coração sempre aberto para o bem, perdendo com elle a sua enluctada familia um dedicado e amantissimo chefe.

Tinha 58 annos de idade e ninguem diria ao vel-o sempre tão jovial e em conversação animada, demonstrando muitas vezes os bellos dotes d'um vigoroso polemista, que estaria para tão breve o termo d'aquella existencia.

A sua unica distracção era o prazer da caça a que se entregava nas horas que o mister lhe deixava livre.

O *Diario de Noticias* n'um artigo que em 15 d'Agosto de 1901 publicou sobre a abertura da caça, dedicava-lhe as seguintes linhas.

«Se não é uma espingarda de «elite» é o que se chama um verdadeiro «carola», por assumptos de caça.

Não ha ninguem que com mais enthusiasmo descreva uma «monteada», nem ninguem que com mais boa vontade se preste a organisal-a.

É a verdadeira «alma» da commissão venatoria da Associação Protectora da Caça e á sua iniciativa se deve a sua formação.

Quem com Godinho de Paiva falar pela primeira vez, vê logo com quanta força os seus pulmões lhe dão e com que vehemencia discute

DR. JOSÉ RAMOS NOGUEIRA

FALLECIDO EM 19 DE FEVEREIRO DE 1903

qualquer questão venatoria, como reconhece desde logo tambem a firmeza e distincção do seu magnifico caracter.

Hoje a sua caça predilecta, o que o leva, por assim dizer, ao «fim do mundo», é a caça grossa e a sua velha «Lafaucheut» por vezes tem prostrado alguns javardos e gamos».

Ao seu filho, sr. Armando Paiva, que tomou o logar de seu pae no consultorio que já dirigia na sua enfermidade, enviamos a expressão do nosso pesar.

Reeebemos e agradecemos:

Estudos Juridicos — N.º 1, Janeiro, Coimbra 1903. Publicação mensal em fasciculos de numero variavel de paginas. São seus directores os Srs. Dr. Lopes Praça, Dr. Henriques da Silva, Dr. Teixeira d'Abreu, Dr. Marnoco e Sousa, Dr. José Tavares e Dr. J. Alberto dos Reis, lentes da faculdade de direito.

Os assumptos de que trata o presente numero são:

Das fontes ou nascentes — Da reincidencia no direito penal portuguez — Fórma extrena nos actos no direito internacional — Os principios fundamentaes do novo typo das *Sociedades por quotas* — Questões praticas do direito penal internacional — Variedades.

Felicitamos pelo emprehendimento os seus proprietarios os Srs. Drs. José Tavares e Antonio José Teixeira d'Abreu.

A Chronica — N.º 80, Dezembro de 1902. Esta revista illustrada e litteraria de que são directores os nossos amigos Luiz da Silva e Santos Junior (Santonillo) tem continuado a merecer a longa acceitação que tem tido desde o seu inicio.

O presente numero insere os retratos do Sr. Conselheiro Bernardino Machado e da distincta poetisa D. Aurora Beatriz Dias Freitas.

Frem — Revista dinamarqueza. N.º 21, Kjobenhavn 1903. Insere além de differentes artigos interessantes a continuação da obra de Zakarias Nielsen.

Tiro Civil — Revista de educação physica e de *sport* nacional. N.º 254, Lisboa, 1903. Muito interessante pelos variados assumptos de que trata, justificando a lijongeira acceitação que te malcançado entre nós.

JOAQUIM PEDRO GODINHO PAIVA

FALLECIDO A 15 DE FEVEREIRO DE 1903